

**AMAZÔNIA BRASILEIRA E INDÍGENAS NA REVISTA DER SPIEGEL:
REPRESENTAÇÃO E ESTEREÓTIPO NO JORNALISMO INTERNACIONAL**

Helena Livia Dedecek Gertz¹

Resumo:

Este artigo pretende analisar duas reportagens que compõem uma série sobre a viagem à Amazônia de um correspondente da revista alemã Der Spiegel no Brasil. O objetivo é conhecer como a região e seus habitantes, em especial os indígenas, são representados. Como procedimentos metodológicos, utilizou-se o protocolo de Análise de Cobertura Jornalística de Silva e Maia (2011). O norte teórico, na área de comunicação internacional, traz, entre outros, os aportes de Ginneken (1998) e Natali (2007). Os resultados apontam que, nas 22 páginas de reportagem, não se veiculam apenas imagens estereotipadas, mas também se promove escárnio sobre as pessoas e situações retratadas.

Palavras-chave: Jornalismo internacional. Representação. Estereótipo. Amazônia. Indígenas.

Introdução: objeto de estudo e corpus

Este artigo pretende trazer uma interpretação sobre a representação do indígena brasileiro², da região da Floresta Amazônia brasileira e de outras pessoas que lá vivem e trabalham na revista alemã Der Spiegel. Inicialmente, serão apresentados objeto de estudo e o corpus estudado. Em segundo lugar, o referencial teórico será exposto seguido pelos procedimentos metodológicos. Posteriormente, o trabalho traz uma análise descritiva do objeto e, por fim, se discute uma interpretação sobre o tema abordado.

A Der Spiegel é uma das revistas semanais mais lidas em países de língua alemã³ por mais de 6 milhões de pessoas⁴ e sua venda atinge aproximadamente 900 mil exemplares por semana⁵. A maioria de seus leitores tem 50 anos ou mais (45,9%), é do sexo masculino (65,8%), tem rendimento mensal de 2500 Euros ou mais (63%) e possui, pelo menos, ensino superior completo (55,4%)⁶.

1 Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS e estudante de bacharelado em Letras/Alemão também pela UFRGS. E-mail: helenagertz@outlook.com.

2 Como o objeto deste artigo não diferencia entre as diferentes tribos indígenas no Brasil, não é possível mencionar qual é o grupo específico sobre o qual as reportagens tratam.

3 Segundo a instituição que monitora a mídia alemã Presse-Monitor (PMG), a revista Der Spiegel foi a mais citada em questionário em 2011. Disponível em <<http://bit.ly/1OrR0vq>>, acesso em 25 maio 2012.

4 Arbeitsgemeinschaft Media-Analyse, 2013, e Allensbacher Markt- und Werbeträgeranalyse, 2012.

5 Informationsgemeinschaft zur Feststellung der Verbreitung von Werbeträger, 2012. Disponível em <<http://bit.ly/1OhN8wq>>, acesso em 20 de julho de 2015

6 MA Pressemedien, 2015. Disponível em <<http://bit.ly/1LnjEQ4>>, acesso em 20 de julho de 2015

Criada em 1947, dois anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, em Hannover, a publicação foi inicialmente patrocinada por militares britânicos que ocupavam a cidade. Nos moldes das “news magazines” anglo-saxônicas, como a Time e Newsweek (BRAWAND, 1987), o objetivo era “finalmente trazer novamente ‘notícias objetivas’ aos alemães”⁷. Der Spiegel tornou-se referência no chamado “jornalismo investigativo” na Alemanha⁸, e também tem fama de ser a mais detestada entre os políticos (BRITZ, 2008, p. 42).

Além da sede em Hamburgo, a revista possui sete sucursais na Alemanha, a maior delas em Berlim, e conta com 17 correspondentes no exterior. Atualmente, no Brasil, o principal correspondente é Jens Glüsing, que vive há mais de 10 anos no Rio de Janeiro. Eventualmente outros profissionais são enviados para o país, como durante a copa do mundo de futebol masculino em 2014. Além da revista semanal de atualidades, o Grupo Spiegel gerencia outros 15 empreendimentos para públicos segmentados, como a manager magazin, e dois canais que produzem conteúdo para televisão⁹.

Para este artigo, optou-se por observar a versão impressa da revista. Este recorte parte do pressuposto de que o assunto é considerado muito relevante, uma vez que a revista possui um portal de notícias online e que, atualmente, para que um texto da editoria de “Internacional” seja publicado na versão impressa o tema precisa ser importante para o leitor (CALDAS, 2002; NATALI, 2007). Seguindo este ponto de vista, as notas (textos informativos curtos, que, em geral, não trazem espaço para contextualizações nem entrevistas, não serão selecionadas por serem consideradas. As páginas da versão impressa são disponibilizadas em formato PDF no próprio site da revista (spiegel.de).

Optou-se por trabalhar com um recorte temporal de um intervalo de dez anos na tentativa de identificar se houve alguma diferença na abordagem sobre o indígena brasileiro. Assim, o primeiro recorte comporta os textos publicados durante todo o ano de 2001 e, o segundo, seleciona os textos publicados entre agosto de 2010 e agosto de 2011, completando igualmente um ano. A opção por fazer a coleta de corpus neste intervalo de tempo se deve ao fato de que em ambas as épocas o Brasil esteve em relevância no cenário internacional. Em 2001, usou-se pela primeira vez a sigla BRIC para designar os países de economias

7 História do Spiegel Gruppe, disponível em <<http://bit.ly/1TMepL3>>, acesso em 20 de julho de 2015

8 De acordo com o International Press Institute (IPI), como é afirmado no site da revista e reconhecido pela revista concorrente Stern em <<http://bit.ly/1GvXAdU>>, acesso em 20 de julho de 2015

9 Todas as informações deste parágrafo estão disponíveis no site da revista em <<http://bit.ly/1Mkrme1>>, acesso em 20 de julho de 2015

emergentes¹⁰. O ano também marcou o fim do governo de Fernando Henrique Cardoso e o início da corrida eleitoral que elegeu Luís Inácio Lula da Silva em 2002. O segundo intervalo, metade final de 2010 e metade inicial de 2011, corresponde ao fim da Era Lula e à eleição de Dilma Rousseff para a presidência.

Aplicada a seleção temporal, buscou-se no site de Der Spiegel pelo termo “Brasilien+Ureinwohner” (Brasil+palavra que designa pessoas que habitavam determinada região antes de sua colonização) com um filtro para a versão impressa da revista. Não se buscou por “Amazônia” para evitar resultados focados apenas na editoria de “Meio Ambiente” e de reportagens relacionadas a outros países pelos quais a floresta se estende. Assim, aplicando à busca o pressuposto do estereótipo sobre o qual será discutido a seguir, esperava-se encontrar textos focados nos habitantes da região amazônica.

Em 2001, entre reportagens, notas, entrevistas, artigos opinativos, cartas da redação e editoriais, foram encontradas três reportagens e duas notas. Uma das reportagens foi descartada porque as palavras buscadas não apareciam em correlação no texto que tratava sobre uma questão indígena na Argentina. No período entre 2010 e 2011, foram encontradas três reportagens, porém, nenhuma trazia os dois termos em correlação.

Desta forma, o corpus desta pesquisa é composto por duas reportagens cujos títulos traduzidos são: “A vitória verde” (MATUSSEK, 2001) e “O continente dos sonhadores” (MATUSSEK, 2001). Com onze páginas cada, os dois textos formam uma série sobre uma viagem do correspondente no Brasil na época, Matthias Matussek, à Amazônia brasileira.

Esta seleção de corpus pode apontar pistas sobre o ponto de vista editorial de Der Spiegel e dos correspondentes acerca do indígena no Brasil. Questões sobre, por exemplo, a usina hidrelétrica de Belo Monte, que afeta a reserva indígena do Xingu, cuja construção recebeu um pedido de suspensão pela Comissão Interamericana de Direitos Humanos em junho de 2011 para garantir direitos dos indígenas, não mereceu destaque, nem mesmo em nota, em nenhuma versão impressa da revista no segundo período de tempo pesquisado. Sobre as duas reportagens que serão discutidas a seguir, pode-se adiantar que a linha de apoio apresenta os textos como uma “Reise-Reportage”, uma reportagem de viagem.

Referencial teórico e procedimentos metodológicos

10 No artigo de Jim O’Neill, no Financial Times. Disponível em <<http://on.ft.com/1RJVauk>>, acesso em 20 de julho de 2015

Neste trabalho, pretende-se pensar a representação com Stuart Hall (1997), como uma parte essencial do processo de produção e compartilhamento de significado entre membros de uma cultura. De Kathryn Woodward (2000), tem-se a ideia de que os sistemas de representação “constroem lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar”.

Passa-se da perspectiva das representações à conceituação dos estereótipos, ponto central para este artigo. Em parte, pode-se aproximar a ideia de Woodward ao aporte de Walter Lippmann (2008) sobre a qualidade “organizadora” dos estereótipos, que seriam construções mentais para lidar com um mundo fragmentado, no qual há um grande acesso à informação em especial sobre o Outro, que, muitas vezes, não pode ser conhecido empiricamente, no caso aqui, pelo leitor. Sem a pretensão de justificar ou naturalizar estereótipos, Lippmann os apresenta como um artifício para reconstruir o mundo “num modelo mais simples” e aponta como justificativa que “para atravessar o mundo, as pessoas precisam ter mapas do mundo” (2008, p.31). Busca-se em João Freire Filho (2004) um aporte que associe estereótipo às minorias. Para ele, o estereótipo “encoraja um conhecimento intuitivo sobre o outro” (p.47) reduzindo uma variedade de características de um povo, uma raça, um gênero, uma classe social a um essencialismo e, desta forma, “ajuda a demarcar e manter fronteiras simbólicas entre o normal e o anormal” (p.48). A redução do Outro por meio do estereótipo causa, em último caso, uma distorção na sua percepção como um igual. Passa-se a uma cruel objetificação, desumanização, dos membros de determinado grupo desviante que podem levar à violência simbólica ou física.

Estereótipos e reducionismos podem ser identificados com frequência no jornalismo internacional. Com um papel importante na afirmação de um imaginário sobre o(s) estrangeiro(s), devido ao grande volume de material que recebe (NATALI, 2007) esta área da Comunicação trabalha baseada em agenda-setting e, desta forma, contribui para fomentar percepções etnocêntricas e racistas (DIJK, 1991).

É importante ressaltar que o jornalista especializado em assuntos internacionais também está inserido em uma cultura profissional e trabalha conforme a linha editorial do veículo que o contrata (GINNEKEN, 1998). Silvia Lange (2002) demonstra essa pressão do mercado em um estudo empírico feito com 25 correspondentes alemães na América Latina. Um de seus entrevistados é o atual correspondente da Der Spiegel no Brasil, Jens Glüsing. O

repórter comenta que os assuntos estereotípicos brasileiros (meio ambiente, violência, divisão social, sexo, “mulatas bonitas”, “histórias coloridas”, p.65) são, segundo o jornalista, os temas que seus editores publicam com maior facilidade. Além da subjetividade de cada correspondente e de imposições mercadológicas de cada redação, João Batista Natali (2007) aponta que uma fonte importante de pautas internacionais é a imprensa nacional do país estrangeiro.

Como procedimentos metodológicos, será usado o protocolo de Análise de Cobertura Jornalística (ACJ) proposto por Gislene Silva e Flávia Dourado Maia (2011) que “ajuda a pensar, a identificar e a tipificar as especificidades da atividade jornalística, mapeando tendências e possíveis lacunas na obtenção, averiguação e apresentação das informações” (p.26). As autoras propõem três níveis de análise: 1) marcas de apuração, 2) marcas de composição do produto e 3) aspectos do contexto de produção. No primeiro nível, são observados aspectos como local de apuração e origem da informação. No segundo, se conhece, por exemplo, gênero jornalístico, localização do texto na página e recursos gráficos. A última etapa pede atenção aos contextos interno (linha editorial, público leitor, etc.) e externo (contextualização do assunto da reportagem).

Análise descritiva do corpus

Somadas, as duas reportagens analisadas compõem 22 páginas de texto, infográficos e fotos sobre a Amazônia brasileira. Observando o tamanho das outras reportagens de edições anteriores e posteriores a estas duas de 2001, percebe-se que o número de páginas é muito maior do que a média de três. A edição que publica a primeira reportagem traz uma “carta da redação” na qual um editor conta ao leitor os “bastidores” da apuração como se fosse uma aventura. Lê-se que o correspondente

viagou vários milhares de quilômetros: em aviões de hélice, em lanchas, em canoas e no lombo de um búfalo. Ele dormiu em redes, em barcos cargueiros, em bangalôs na selva, e comeu o que a floresta e o rio davam: castanhas do Pará frescas e açaí, mas também vermes, piranhas e crocodilos fritos (DER SPIEGEL, 2001, p. 3).

Segundo o texto, “o objetivo da viagem era desvendar a verdade por trás dos mitos da floresta Amazônica – tanto o das alternativas ecológicas quanto o de queimadores da floresta e dos índios”, ou seja, conhecer a região. Nesta “carta da redação”, Matussek comenta que “a sempre evocada visão apocalíptica de uma floresta destruída é tão errada quanto a de um

paraíso tropical e de homens da floresta sem pudores”. Uma afirmação ponderada, e, provavelmente, verdadeira, mas que não norteia as reportagens do correspondente como veremos a seguir. O repórter trabalhou como correspondente de Der Spiegel no Rio de Janeiro entre 1999 e 2003.

Sem foco em nenhum fato novo acontecido na área da Amazônia, apenas preocupado em descrever o que vê, Matussek as 22 páginas de “reportagem de viagem” ilustrando um “animalesco e emaranhado carnaval da alma” (MATUSSEK, 2001). Ele não esclarece quais cidades foram visitadas, mas pode-se deduzir, pelo texto, que Belém, Rio Branco, São Gabriel, Xapuri, Manaus, Parintins e Carajás fizeram parte de seu itinerário.

O correspondente usa o recurso de citar elementos alemães para se aproximar do leitor, na maioria de seus textos. Na série especial, Matussek cita a presença de turistas, empresários e membros de organizações ambientalistas alemãs, menciona o explorador Alexander von Humboldt¹¹ e o filme Fritzcarraldo, de Werner Herzog. Estas duas últimas citações são pertinentes ao tema “Amazônia”, no entanto, mostram a floresta como parte apenas do território brasileiro.

A narrativa é pontuada por remissões a um paraíso na terra, como “El Dorado”, “paraíso”, “terra prometida”, “mundo sem culpa”, e pela presença de elementos que envolvem misticismo e religião, como, por exemplo, “mau olhado”, macumba e destino. Em nenhum momento, o correspondente se aprofunda sobre religiões indígenas e/ou africanas, tampouco sobre questões econômicas e políticas da região. O texto torna-se, assim, um raso emaranhado de informações ligadas apenas pela região onde foram obtidas: a Amazônia (entenda-se aqui como a região que faz parte do território brasileiro).

A ideia de Matussek parece ser a de apresentar um extenso painel sobre a vida na região, mas acaba caindo em um preconceituoso e etnocêntrico relato de uma viagem exótica, como se falasse sobre aquilo que viu em suas férias exóticas. Não se discute aqui a veracidade da narrativa do repórter, mas sim, sua abordagem, que debocha do “caboclo” que conheceu em um porto – o personagem que representaria toda a população –, que fala “essencialmente de mulheres” e que foi consultar-se com um pajé sobre uma maldição, caboclo este que não têm “consciência ecológica, mas várias ideias fantasiosas” e que “não gosta dos estrangeiros

11 Cuja expedição na América se centrou principalmente na Venezuela e não no Brasil.

que não creem”. Este entrevistado é identificado apenas como “Joãozinho” e quatro parágrafos são dedicados a histórias amorosas deste homem.

Matussek evidencia desprezo ao ironizar as crenças indígenas e africanas, ignorando sua contribuição para a cultura brasileira, colocando-as num patamar inferior aos credos ocidentais judaico-cristãos que, segundo o repórter, ao contrário das primeiras, “não se detém muito na criação da natureza”. Uma funcionária do Ministério do Meio Ambiente, identificada apenas com o primeiro nome e sem cargo oficial, é entrevistada sobre um projeto na região. Não se fica sabendo qual é o projeto, mas a reportagem informa que a funcionária “usa uma excitante minissaia que combina com a capa de zebra de seu celular” (MATUSSEK, 2001). Outra presença feminina na série de reportagens é a ex-Senadora Marina Silva, a “Joana d’Arc da floresta”, “a amazona”, defensora do meio-ambiente e “o pesadelo de grupos de homens corruptos de Brasília”.

O repórter afirma que “o bem e o mal são facilmente diferenciáveis no Acre, o estado mais a oeste do Brasil: o mal está na cadeia e o bem no Banco Central” (2001). Ele então divide entre bem e mal os entrevistados e pessoas mencionadas na reportagem. O mal seria o ex-deputado pelo Acre Hildebrando Pascoal e o ex-vereador Auton Farias. O bem seria a funcionária do Ministério do Meio Ambiente, Marina Silva e Chico Mendes. Indígenas não são listados. Indígenas e seringueiros não são encaixados em nenhum destes perfis. Costumes e ações indígenas, porém, recebem mais destaque. Matussek destaca ritos, o patriarcalismo de algumas tribos (não especificadas), protestos em frente à sede da Funai, sequestros de turistas como meio de ter reivindicações alcançadas e, por fim, o repórter relata uma conversa que teve com um pajé da tribo Tukano, na qual o repórter teria sido perguntado se “o alemão poderia conseguir uma coisa? Uma televisão!”, para que a tribo pudesse assistir telenovelas sem precisar remar contra a corrente até um lugar onde há um aparelho. Esta mesma situação exemplifica a ideia do jornalista sobre a má influência da tecnologia sobre a população indígena que será discutida adiante. O repórter, que antes debochava de religiões indígenas, agora ironiza o pedido do pajé, cuja tribo, segundo ele, “conhece o nome dos atores melhor do que o de seus deuses”.

Ao longo da narrativa, a natureza aparece como uma causa, algo a ser salvo e restaurado, negando a ideia de um espaço idílico, uma “El Dorado”, como Matussek introduz, no primeiro parágrafo de “A vitória verde” (edição 11, 2001).

A ação do “caboclo”, figura sintetizada no personagem Joãozinho, e do índio, são nocivas à natureza, já estrangeiros são apresentados como defensores da floresta. O repórter menciona a conferência “Rio 92”, o músico britânico Sting e multinacionais instaladas na região como atores positivos. “Joãozinho”, o “personagem caboclo”, é apresentado em uma fotografia cuja legenda diz “Comerciante Joãozinho: ‘Nunca mate sua esposa’”, em referência à uma suposta fala do entrevistado. Este é um exemplo de outros sobre como a reportagem idiotiza esta pessoa que é “usada” para generalizar uma parte dos habitantes da área. Toda a população indígena é apresentada como pessoas ingênuas e vítimas da modernidade. Em “O continente dos sonhadores”, uma foto mostra um índio sentado em um restaurante usando cocar, colares e pulseiras e com o rosto pintado. Ele come algo que parece um pastel, usa um relógio prateado e tem em sua frente uma garrafa. A legenda desta foto é “Índios do Amazonas: costumes menos rígidos”: a comida, o relógio e a bebida em um bar de cidade representariam a perda de valores morais de todos os “índios do Amazonas”. Uma clara essencialização da imagem de todas as populações indígenas apontada por pensadores (BHABHA, 2007; BRAH, 2006) como objetificante.

Em outro conjunto de fotos vê-se um grupo de sete pessoas, identificadas como ianomâmis, em um ambiente com paredes feitas de folhas trançadas. Uma criança, em primeiro plano, está deitada em uma rede, três estão sentadas, um homem e dois meninos estão de pé. Ao fundo, uma mulher e, mais à frente, está um homem, vestindo um calção preto. Outra foto do conjunto apresenta um homem de idade mais avançada, identificado como da tribo Tukano, tocando um instrumento de sopro. A terceira foto mostra o líder Raoni Metuktire, da tribo Caiapó, ao lado do músico Sting. No texto, apenas os últimos dois fotografados são nominalmente mencionados, os demais têm apenas suas tribos citadas.

No texto, o destaque de Sting e Raoni é para um show que o músico teria feito em benefício à preservação da floresta e cuja renda teria sido, em parte, dada ao líder indígena. A reportagem informa que, dois anos depois, Raoni teria vendido madeira ilegal por US\$ 150 milhões e “decepcionado o público”. Este conjunto de fotos está sob a legenda “Índios da mata atlântica: entusiasmo verde”. Dada a postura das pessoas na primeira foto, deitados e sentados, o idoso tocando uma espécie de flauta e Raoni posando ao lado de Sting, tal legenda parece mais ironizar os indígenas. Ao invés de estar lutando pela preservação, um vende

madeira ilegal, o outro toca flauta e os dormem ou ficam sentados enquanto a floresta é destruída.

As lendas e as religiões indígenas também servem para Matussek apontar a “ingenuidade” dos indígenas. Como citado anteriormente, o correspondente acredita que a tradição judaico-cristã não se detém na criação da natureza tanto quanto as “religiões indígenas” (que não são nunca apresentadas), que seriam apenas “fantásticas lendas extravagantes” e pregariam que “o pecado só acontece por ação do destino”. As expressões servem como legenda de fotografias: a primeira, traz duas mulheres envoltas em cobertores e um menino (os três negros) usando drogas e/ou talvez fumando cigarro. Nem repórter nem editores se preocuparam em impossibilitar a identificação das pessoas, especialmente do menino, aparentemente, um menor de idade. A legenda diz: “Viciados brasileiros: o pecado só acontece por ação do destino”. Ou seja, todos os brasileiros usuários de drogas acreditariam que seu vício é fruto do destino. Na outra fotografia, vê-se uma menina, possivelmente indígena, mexendo em um tacho de mandioca. A legenda é “Preparação de mandioca: lendas extravagantes”. Se menciona a existência uma lenda indígena para a criação da mandioca. Outra foto mostra dois indígenas adultos e seis crianças em frente a uma igreja. Todos usam blusas e calças. A legenda da foto é “Capela do vilarejo, crentes do Rio Negro – Luta contra o paganismo nu”. A segunda foto da página apresenta um índio usando cocar e com pinturas no corpo, segurando um rádio contra o ouvido. A legenda é “Índio com boombox: apelo à modernidade”. Na mesma página, o repórter conta sobre o pedido do pajé a respeito de uma televisão, para que a tribo pudesse assistir à novela, citado anteriormente. Esta fotografia e o pedido do pajé parecem querer mostrar que os indígenas, ingênuos, foram vítimas dos tempos contemporâneos e perderam sua essência. Em nenhum momento, o texto cogita que estas pessoas têm direito de acesso à tecnologia.

No final da última reportagem, o repórter exclama que a “vitória verde no Amazonas escorre por entre os dedos!”, e que “a inocência simplesmente não existe; a terra prometida não pode ser encontrada sobre a Terra. O que existem são as histórias. E nossa inquieta busca pelo paraíso”. O correspondente parece ter feito a viagem à Amazônia em busca de um lugar paradisíaco, livre de preconceitos e imposições sociais, mas saiu frustrado por ter encontrado pessoas que se acompanham a evolução do mundo e são afetadas por mudanças externas a suas comunidades.

Considerações finais

Percebe-se que reportagem e fotografias condizem com o que é apontado por Lange (2002) e com a agenda-setting que o jornalismo internacional promove (NATALI, 1998) sobre o Brasil. Na década de 1980 já se apontava que a tendência do noticiário sobre questões estrangeiras costuma promover conclusões problemáticas, destacar fatos irrelevantes e associar fatos desconexos (UNESCO, 1980).

O que causa espanto na análise do corpus é o escárnio sobre uma cultura e sobre pessoas de diferentes culturas. Em 22 páginas de uma revista impressa, esta “reportagem de viagem” traz generalizações que reduzem culturas e objetificam pessoas. O papel do jornalismo internacional de mediar práticas socioculturais e de informar sobre política, economia, meio ambiente etc. dá lugar a uma propaganda do exotismo de um “paraíso tropical” e à apresentação de “causos curiosos” sobre alguns poucos “personagens” da região Norte do Brasil. Mostrado os habitantes do lugar e uma representante do Ministério do Meio Ambiente como pessoas “sem consciência ecológica, mas com várias ideias fantasiosas” “excitantes”, preguiçosas entende-se a posição sugerida nas reportagens sobre a intervenção estrangeira na Amazônia. Seria interessante conduzir uma pesquisa de recepção para identificar até que ponto os leitores, em especial aqueles que nunca estiveram em nenhuma parte do Brasil, concordam com esta posição e se questionam as informações dos correspondentes de Der Spiegel ou se “compram” as representações oferecidas e até que nível as aceitam.

Nos casos aqui analisados, o estereótipo ultrapassa a possível funcionalidade de organizar o mundo (LIPPMANN, 2008) e chega ao ponto da ofensa. Não se sabe qual é o projeto do Ministério do Meio Ambiente que seria apresentado pela funcionária do órgão (identificada apenas com seu primeiro nome, “Debra”), mas sabe-se que ela “usa uma excitante minissaia que combina com a capa de zebra de seu celular” (MATUSSEK, 2001). Sabe-se que Sting fez doações para a preservação da Amazônia e que Raoni Metuktire supostamente teria desviado o dinheiro. As outras ações do líder caiapó em defesa dos povos indígenas e do meio ambiente não são mencionadas. O encontro entre o cacique e o músico aconteceu em 1989. A reportagem de Matussek é publicada 12 anos depois. Em 2000, Raoni também se encontrou com o ex-presidente francês Jacques Chirac, porém este acontecimento muito mais recente do que a visita de Sting (e com um representante de Estado) não é citado.

Pensando de forma essencialista, como parece ser a proposta da série de reportagens, o deboche do correspondente de Der Spiegel parece indicar que um cacique que cria alianças políticas e divulga sua luta por meio do contato com um músico de destaque na época ao invés de lutar por seus direitos com arco e flecha (ou simplesmente não lutar) cumpre menos sua “função de índio”. O mesmo pode ser aplicado aos trechos em que o repórter ri da vontade de acesso à tecnologia de uma comunidade indígena.

É comum que o noticiário nacional divulgue “o que se fala” sobre o Brasil na imprensa estrangeira¹². Estas atitudes podem denotar uma preocupação sobre o que os estrangeiros (em especial, europeus, canadenses e estadunidenses) pensam sobre nós. Nestes casos, a pauta, em geral é negativa, trata de desastres naturais, crimes, incêndios, corrupção, ou aborda eleições presidenciais. Não se pode, muito menos se deve, determinar o que a imprensa alemã (ou argentina, ou francesa, ou portuguesa etc.) pode publicar sobre o Brasil. Porém, a análise da cobertura estrangeira sobre nosso país levanta questionamentos sobre o que publicamos sobre nós mesmos, se levamos em conta que o correspondente internacional se informa através da mídia do país onde está (NATALI, 2007). Se, como indicaram Hall (1997) e Woodward (2000), a representação contribui para a criação de identidade e para a construção de um lugar de fala, a autodepreciação do brasileiro na mídia nacional contribuiria para que o estrangeiro confirme estereótipos já existentes o que pode desembocar em casos extremos como o visto neste artigo. Para os brasileiros, a pauta insistentemente negativa sobre seu país reforça o “complexo de vira-latas” descrito pelo dramaturgo Nelson Rodrigues (1993) e estudado por, por exemplo, Humberto Mariotti (2009). Sendo assim, o estudo da fala sobre o Outro no jornalismo internacional traz contribuições importantes para a compreensão sobre, por exemplo, identidade nacional, etnocentrismo e racismo.

Referências

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 26, p. 329-376, jun. 2006

¹² Por exemplo, “Incompetência e corrupção destruíram poção mágica do Brasil, diz 'FT'” (Folha de S. Paulo, 23/7/15); “Imprensa internacional destaca campanha suja e disputa acirrada” (Folha de S. Paulo, 25/10/14); “O que a imprensa estrangeira diz sobre protestos no Brasil” (Exame, 12/4/15); Manifestações ganham destaque na imprensa internacional (Terra, 8/7/14).

CALDAS, Álvaro (Org.). **Deu no jornal**: o jornalismo impresso na era da Internet. São Paulo: Loyola, 2002

DER SPIEGEL, **Hausmitteilung**. Der Spiegel, Hamburgo, 12 de março de 2001. Disponível em <<http://bit.ly/1KpDIXk>>, acesso em 24 de julho de 2015

DIJK, Teun A. van. **Racism and the Press**. London: Routledge, 1991

FREIRE FILHO, João. Mídia, estereótipo e representação das minorias. **ECO-PÓS**, Rio de Janeiro, v.7, n.2, p.45-71, ago./dez. 2004

GINNEKEN, Jaap van. **Understanding global news**: a critical introduction. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage, 1998

HALL, Stuart. The work of representation. In: HALL, Stuart (org.) **Representation**: cultural representation and cultural signifying practices. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997.

LANGE, Silvia. **Auf verlorenem Posten?**: Deutschsprachige Auslandskorrespondenten in Lateinamerika. Eine qualitative Kommunikationsstudie zu Arbeitsrealität und Rollenselbstverständnis. 2002. 134 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Ciências da Comunicação, Freie Universität Berlin, Berlim, 2002

LIPPMANN, Walter. **Opinião pública**. Petrópolis: Vozes, 2008

MARIOTTI, Humberto. **O complexo de inferioridade do brasileiro**. Fantasias, fatos e o papel da educação, outubro de 2009 Disponível em <<http://bit.ly/1gT8aai>>, acesso em 24 de julho de 2015

MATUSSEK, Matthias. Die Grüne Sieg. **Der Spiegel**, Hamburgo, n.11, p.168-182, 12 de março de 2001. Disponível em <<http://bit.ly/1fstYsa>>, acesso em 24 de julho de 2015

_____. Der Kontinent der Träumer. **Der Spiegel**, Hamburgo, n.12, p.250-264, 19 de março de 2001. Disponível em <<http://bit.ly/1VFIsae>>, acesso em 24 de julho de 2015

NATALI, João Batista. **Jornalismo internacional**. São Paulo: Editora Contexto, 2007

RODRIGUES, Nelson. Complexo de vira-lata. In: _____. **À sombra das chuteiras imortais**: crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 1993

SILVA, Gislene; MAIA, Flávia Dourado. Análise de cobertura jornalística: um protocolo metodológico. **Rumores**, São Paulo, ed.10, ano 5, p.18-36, jul./dez. 2011

UNESCO, **Communication and society Today and Tomorrow**: Many Voices, One World. Paris: Unesco, 1980 (Relatório MacBride)

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais, p. 7-72. Petrópolis: Vozes, 2000